

O SENTIDO DE MAPA DOS DESENHOS INFANTIS

Rodrigo Batista Lobato¹

Paloma Danielle Barra Machado Coelho²

RESUMO

O presente trabalho se debruçou em observar como que os desenhos infantis têm apresentado o mapa em seus episódios, mas sobretudo, observando esse significado voltado tanto para um público alvo que ainda não está inserido na Educação Infantil assim como aqueles que possam estar, porém, dentro de uma faixa etária de 2 a 4 anos de idade. Como hipótese, tem-se que esse sentido é daquela Cartografia Tradicional do mapa mudo que privilegia a localização, o mapa de tachinha. Entretanto, pode-se observar no decorrer do estudo que, apesar de tais desenhos apresentarem características da Cartografia Tradicional, esses desenhos não precisam estar preocupados com a precisão cartográfica, assim como os conceitos cartográficos mais complexos, e assim entende-se deste modo, a maneira na qual o mapa é apresentado, atende tanto as necessidades das crianças que ainda não foram para a escola, assim como, daquelas que estão inseridas na Educação Infantil.

Palavras-Chave: Desenhos infantis; Sentido de mapa; Cartografia na Educação Infantil.

ABSTRACT

The present work is focused on observing how the children's drawings are presented to the map in their episodes, but above all, observing what is aimed both at an audience that is not yet inserted in Early Childhood Education as those that are able to be, however, within an age group of 2 to 4 years of age. The card has the privilege of a location, the thumbtack map. However, it can be observed in the course of the study that, despite being a cartographic drawing, as well as the most complex cartographic concepts, and so what is the map is presented, such as the needs of children who have not yet been to school, as well as those that are inserted in Early Childhood Education.

Keywords: Children's drawings; Sense of map; Cartography in Early Childhood Education.

1. Introdução

O processo de globalização e os avanços das tecnologias de informação, principalmente com desenvolvimento do acesso às mídias, permitiram que os desenhos animados infantis recebessem cada vez mais destaque nos meios de comunicação e no cotidiano dos telespectadores. Logo, muitos desenhos passaram a ser produzidos com uma função instrutiva e não apenas como uma forma exclusiva de entretenimento.

¹ Universidade Veiga de Almeida/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Email: rodrigo.lobato@uva.br

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Email: paloma.-.danielle@hotmail.com

De acordo com Silva Junior e Trevisol (2009, p.5045), “os desenhos animados representam um conjunto de estímulos visuais, auditivos, reflexivos de mensagens e informações sobre diferentes contextos”. De maneira geral, demonstram situações do cotidiano (diversidade, comportamento e relacionamento interpessoal).

Pode-se assim, dizer que, um dos primeiros processos que desenvolvem ensino-aprendizagem das crianças antes de ingressarem no ambiente escolar, consiste em assistir desenhos infantis. Neste contexto, através dos desenhos, os mapas fazem parte das nossas vidas desde a tenra idade, antes mesmo de a criança ir para a escola.

Percebe-se então, que o mapa é apresentado às crianças, mesmo que a princípio elas não entendam o que ele é, e tão pouco para que ele serve, assim como outra forma de representação gráfica que é bem difundida, o globo terrestre, fornecendo o conceito de formato da Terra.

A fagulha deste trabalho se deu após horas e horas assistindo desenhos com uma criança de dois anos e, assim, a justificativa para realizar este trabalho está na observação de como as crianças compreendidas na sua faixa etária entre 2 a 4 anos, que nunca frequentaram um ambiente escolar formal podem conhecer alguns conceitos cartográficos, tais como identificarem um mapa, o planeta Terra e sua forma.

Ou ainda, mesmo aquelas que podem prematuramente serem inseridas na escola e depois permanecerem, mas que tais conteúdos serão apresentados posteriormente, o que significa dizer que os desenhos estarão, de certa maneira, apresentando esse conceito e começando a formar a visão de mundo delas.

Como hipótese, tem-se aqui que o sentido de mapa que os desenhos infantis possuem, um caráter tradicional, de uma Cartografia “decoreba” dos locais; dos mapas mudos; valoriza a localização e orientação, no qual o mapa não é visto como uma linguagem.

Sendo assim, esse trabalho tem por objetivo analisar como o mapa é apresentado nos desenhos infantis.

Cabe-nos também apresentar os objetivos secundários, que são:

- Analisar se o sentido de mapa dos desenhos é o mesmo da cartografia tradicional;
- Analisar os limites e possibilidades de seu uso em sala de aula.

1.2 Metodologia

Além da pesquisa bibliográfica, foi escolhido um canal de desenhos com melhor indicação para as idades antes da inserção da criança nas séries iniciais e, desta maneira, foi escolhido um canal fechado da chamada TV a cabo: o *Discovery Kids*.

Cabe frisar que, apesar deste canal ser pago, não está em voga aqui a classe social que assiste o mesmo e que teria condições de pagar por essa assinatura. Visto que tais desenhos oportunamente em um tempo futuro, como ocorrem com tantos outros, serão apresentados também na TV aberta, deste modo se busca aqui conhecer o sentido de mapa dos desenhos que são criados e disponibilizados.

Para analisar os desenhos, foi dispensado um período do ano de 2017 à programação desse canal para assim listar quais eram os desenhos que apresentam os mapas em todos os episódios, ou ainda aqueles que fazem de maneira esporádica.

2. Cartografia nas Séries Iniciais

Ao se refletir no sentido da educação, Kamii (1985), afirma que se pode ter dois objetivos ao educar: sucesso na escola ou autonomia. Conforme o autor, consegue-se o sucesso na escola pela submissão às regras, pela obediência e obtenção de notas altas, por meio da memorização de respostas corretas e cópia do pensamento pronto.

Por sua vez, a autonomia e o pensamento crítico são alcançados pelo incentivo ao pensamento próprio, à tomada de decisão, à possibilidade de fazer opção, à criatividade e à busca de alternativa.

Deste modo, Kamii (*op. cit.*), enumera algumas habilidades que considera úteis, pois se situam na interface para o desenvolvimento da autonomia, sendo: ler e escrever; fazer aritmética; ler mapas, tabelas e gráficos e situar eventos históricos.

Considerando a afirmação do autor, é importante frisar que ler mapas, tabelas e gráficos são habilidades aprendidas na escola, mas que servem também para desenvolver a autonomia. No entanto, como enfatizado nas habilidades a serem desenvolvidas, estas precisam ser aprendidas e compreendidas pelos alunos no que tange a alfabetização da letra, dos números e dos gráficos.

Pensando a educação cartográfica nas séries iniciais, de acordo com Dias (2009), o desenvolvimento das relações que conduzem à criança a construção da noção de espaço, denominadas topológicas, projetivas e euclidianas, permitiu criar estratégias para que o ensino da cartografia fosse realizado visando o melhor aproveitamento desta ferramenta pelos alunos.

Vale trazer a fala de Oliveira (1978), que em seus estudos pioneiros nessa temática salientou que as relações topológicas são aquelas em que as crianças desenvolvem primeiro e que é a partir desta que serão desenvolvidas as relações euclidianas e projetivas.

Apesar disso, Romualdo e Souza (2009), afirmam que nas séries iniciais do Ensino Fundamental, os professores tendem a concentrar o trabalho para o processo de ensino e aprendizagem dos saberes matemáticos e da língua portuguesa deixando para depois ou até mesmo passando despercebido, os saberes históricos, biológicos, geográficos, entre outros, que envolva o processo da alfabetização infantil.

A Cartografia Infantil acaba sendo introduzida de maneira tardia, geralmente trabalhada de forma tradicional, no qual o professor utiliza os livros didáticos como manuais e avalia os alunos com questionários que têm o objetivo de memorização, não acrescentando nenhuma noção geográfica, ou seja, deixando de lado a construção e a compreensão que deve ser desenvolvida, gradativamente, pelo educando sobre as relações espaciais.

Deve-se levar em consideração, que as crianças possuem uma forma de ver o mundo diferente dos adultos por isso, “os mapas infantis devem trazer elementos do mundo infantil, formulado pela própria criança, com diversidade de cores e formas” (BARROS; SILVA; SÁ, 2010, p. 2).

Para Simielli (1986), aproveitar as séries iniciais é uma atitude fundamental para Cartografia, pois é o momento em que a criança tem interesse natural pela imagem. E oferecer inúmeros recursos visuais, como desenhos, fotos, representação feita pelos próprios alunos é uma maneira de acostamá-los com a linguagem visual.

Com a obtenção dessas noções é possível deixar de lado a Cartografia com mapas prontos ou pré-moldados, permitindo “um desafio que motiva a criança a desencadear a procura, a aprender a ser curiosa, para entender o que acontece ao seu redor, e não ser simplesmente espectadora da vida” (CALLAI, 2005).

Outro aspecto levantado por Silva (2011), é fundamental para o desenvolvimento da alfabetização cartográfica: reconhecer que se introduzida já no primeiro ano das séries iniciais.

O cotidiano escolar do aluno se torna mais dinâmico e interativo, o que contribui para a construção gradativa dos conceitos cartográficos, e simultaneamente também caminhará junto com o processo de alfabetização e letramento.

Preparar o aluno para leitura de mapas de acordo com Almeida e Passini (1989) é tão fundamental quanto as preocupações metodológicas de se ensinar a ler e escrever, contar e fazer cálculos matemáticos, pois ler mapas significa dominar o sistema semiótico, a linguagem cartográfica.

De acordo com as mesmas autoras, o processo de ensino-aprendizagem cartográfica é muito mais do que copiar, repetir e escrever, isto é, a alfabetização cartográfica refere-se ao processo de domínio e aprendizagem de uma linguagem constituída de símbolos, de uma linguagem gráfica (a cartografia possui códigos e símbolos definidos - convenções cartográficas).

No entanto Dias (2009 p. 4 e 5), enfatiza que não basta à criança desvendar o universo simbólico dos mapas; é necessário criar condições para que o aluno seja leitor crítico de mapas ou um mapeador consciente.

O mesmo autor salienta que o processo de alfabetização cartográfica compõe essa apropriação e interpretação dos símbolos cartográficos, que podem oportunizar ao aluno a aplicabilidade posterior em leituras de mapas e contextos espaços-temporais.

No tocante, para Almeida (2001), conhecer e compreender a forma como as crianças visualizam e representam o espaço é essencial para o trabalho do docente. Especialmente na preparação das atividades de ensino, no qual diferentes modos contribuem para aquisição gradativa da representação espacial, cada vez mais próximo dos adultos.

Ainda nessa perspectiva, Rios e Mendes (2009), discorrem que a alfabetização cartográfica de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia (1ª a 4ª série) é fundamental e deve ser introduzida desde o primeiro ano das séries iniciais. Pois, ao final do primeiro ciclo, é essencial que o aluno tenha conhecimento da linguagem cartográfica, compreendendo leitura e a elaboração de mapas simples.

Para os mesmos autores, é preciso dominar também os mapas fundamentados de uma linguagem própria a partir de símbolos que possuam seu significado e são produzidos com funções específicas como, orientação, localização, taxação, o que significa que cada um representa o espaço geográfico com características específicas.

Cabe citar o trabalho de Simielli (2007), que apresenta de diversas formas o desdobramento da capacidade de leitura e de comunicação oral e escrita por fotos, desenhos, plantas, maquetes e mapas, permite a percepção do domínio do espaço e apresenta a importância do espaço concreto aos alunos das séries iniciais. Segundo a autora, sendo este espaço o mais próximo dele (lugar de vivência), como o espaço da sala de aula, da escola, e do bairro, para depois nos dois últimos anos se falar em espaços maiores, como município, estado, país e planisfério.

Pensando o lugar do ponto de vista da escala da totalidade, pode-se mencionar Lopes et al (2016), ressaltando que todos os mapas apresentados e produzidos ao desenvolverem um estudo dos mapas vivenciais com crianças, os pontos destacados pelas crianças como importantes ou os que mais gostam, de maneira geral, remetem ao encontro com os amigos, aos momentos de lazer e descontração.

O que se percebe então é que diversos autores já demonstraram como trabalhar com a cartografia nas séries iniciais. Porém não há autores que abordam o sentido de cartografia que é apresentado e como estes desenhos infantis que estão ao alcance das crianças podem ser utilizados como ponto de partida para iniciar uma educação cartográfica.

3. Análise dos resultados

Inicialmente chegamos a uma listagem dos desenhos que iremos trabalhar, sendo estes:

- Peppa Pig
- A turma do Doki
- Super Wings
- Os Backyardigans
- Natu Gato

Por sua vez, em Peppa Pig, evidencia-se a dificuldade em fazer uma leitura do mapa impresso pelos adultos, no qual, sempre se perdem e isso ocorre na maioria dos episódios que existe a manipulação de mapas.

Ao utilizarem um *GPS* no carro, essa dificuldade é eliminada, devido à orientação “automática” deste equipamento. E assim, neste episódio, o que era uma dificuldade se torna simples, pois a criança é quem inicia a navegação pelo *GPS* dando o topônimo e este último vai orientando passo-a-passo o caminho para toda a família chegar ao seu destino.

Apesar disso, um episódio diferente, mostra uma outra ideia de mapa, no qual as crianças confeccionam um mapa do tesouro e vão inserindo nesse mapa as informações daquilo que observam na realidade, através de ícones pictóricos para uma identificação direta, sem a necessidade de legenda e, no final, conseguem êxito ao encontrarem aquilo que eles mesmos enterraram.

Os Backyardigans, em um de seus episódios, também lidam com um mapa do tesouro, mas diferente do desenho anterior, não foram eles que confeccionaram; já pegaram pronto. Porém, o mapa estava partido ao meio e a navegação só pode ser estabelecida quando os dois grupos juntaram os mapas e puderam, assim, identificar as feições geográficas para acharem o “x” marcando o local físico do tesouro.

Pode-se ainda apresentar dois desenhos, tais como, A turma do Doki e Super Wings. Nesses desenhos, a cartografia é sempre apresentada de modo a se colocar uma tachinha no mapa, com o sentido de localizar um lugar e situá-lo em relação a todos os demais países, assim apresentado em um Mapa-Múndi, muito semelhante à ideia do mapa mudo, no qual era solicitado pelo professor que fossem apontados os nomes dos países e suas respectivas capitais, no ensino tradicional.

Esse tipo de apresentação ocorre sempre no início do episódio, antes de fazerem o deslocamento para determinado lugar e, além disso, o topônimo é ressaltado. Pois como não falar o nome geográfico e colocar esse marcador para mostrar onde ele fica? Desta forma, o topônimo está nesse grupo também.

Por fim, em Natu Gato, um de seus episódios trabalhou com um mapa de caça ao tesouro. Apesar de aparentar mais do mesmo, o que chamou a atenção deste episódio foi um mapa com uma estruturação da legenda e da orientação, de maneira que os integrantes iam identificando na legenda as formas espaciais da superfície para se orientarem no mapa. Além de surpreendente, foi divertido e bem intuitivo.

4. À guisa da conclusão

É preciso ressaltar que, de maneira geral, o sentido de mapa dos desenhos apresenta um caráter tradicional, vinculado a conceitos pré-definidos e baseados em uma Cartografia com a preocupação em decorar locais, utilizando mapas mudos e valorizando a localização em detrimento da orientação, na maioria das vezes, no qual o mapa não é visto como uma linguagem e muito mais como uma ferramenta.

Apesar disso, a criança nesse momento tem como noção, a partir dos desenhos, o conceito mais básico de mapa, sendo que este é uma referência do mundo real, podendo ainda serem introduzidos a forma da Terra não como um geoide ou elipsoide, mas como esférica mesmo.

Em virtude do que foi mencionado, tais desenhos não precisam estar preocupados com a precisão cartográfica, assim como os conceitos cartográficos mais complexos. E assim, entende-se que a cartografia apresentada nos desenhos infantis atende tanto às necessidades da criança que ainda não foi para a escola, assim como daquelas que estão inseridas na Educação Infantil.

5. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, R.D., PASSINI, E.Y. O espaço geográfico: ensino e representação. São Paulo: Contexto, 1989.

ALMEIDA, R.D. Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola. São Paulo: Contexto, 2001.

BARROS, M.R.O.; SILVA M. V.; SÁ, L. A. C. M. de. Ferramentas da internet para o ensino de Cartografia para crianças. UFPE, Pernambuco, 2010. Disponível em < http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/GEOGRAFIA/cartografia/carto_crianças.pdf>. Acesso em 22 nov. 2017.

CALLAI, H.C.. Aprendendo a ler o mundo: A Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Cad. Cedes, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em < <http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

DIAS, T.S. Cartografia nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental: para além das convenções. ENPEG, Porto Alegre, ago./set.2009. Disponível em < <http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT6/tc6%20%28999%29.pdf> >. Acesso em: 18 nov. 2017.

KAMII, C. A criança e o número. Campinas: Papirus, 1985.

LOPES, J.J.M.; COSTA, B.M.F.; AMORIM, C.C. Mapas Vivenciais: possibilidades para a Cartografia Escolar com as crianças dos anos iniciais. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 6, n. 11, p.237-256, jan/jun., 2016.

OLIVEIRA, L. Estudo metodológico e cognitivo do mapa. São Paulo: Instituto Geográfico, USP, 1978.

RIOS, R. B.; MENDES, J. S. Alfabetização Cartográfica: práticas pedagógicas nas Séries Iniciais. ENPEG, Porto Alegre, ago./set.2009. Disponível em < <http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT6/tc6%20%288%29.pdf> >. Acesso em 17 nov. 2017.

ROMUALDO, S. dos S.; SOUZA, G. M. Discutindo a Alfabetização Cartográfica infantil: uma contribuição ao ensino de Geografia nas Séries Iniciais. ENPEG, Porto Alegre, ago./set.2009. Disponível em

<<http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT6/tc6%20%289%29.pdf>>. Acesso em 15 nov. 2017.

SILVA JÚNIOR, A. G. da, TREVISOL, M. T. C. Os desenhos animados como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento da moralidade. In: IX EDUCERE, 2009, Curitiba, PR. Anais. Curitiba, PR: PUCPR, 2009, p.5043-5054.

SILVA, J.M. Introdução de conceitos básicos da Cartografia no primeiro ano do Ensino Fundamental. R. Ens. Geogr., Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 79-94, jul./dez. 2011. Disponível em <www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br>. Acesso em 10 nov. 2017.

SIMIELLI, M.E.R. O mapa como meio de comunicação. Tese de doutoramento. São Paulo: DG-USP, 1986.

SIMIELLI, M.E.R. Cartografia no Ensino Fundamental e Médio. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). A Geografia na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2007.